

Esquerda revê situação do PSDB

O rompimento do PSDB com o governador Joaquim Roriz pegou os líderes de esquerda desprevenidos, já que não acreditavam no fim do namoro dos tucanos com os rorizistas. Fruto de uma articulação do grupo da esquerda tucana, liderada pelo deputado federal, Sigmaringa Seixas, a estratégia que reproximou o PSDB do PT, PC do B, PPS, PCB e PSB levou os dirigentes dos partidos a se sentarem novamente para discutir as bases da aliança, na noite de ontem.

Reconhecendo que a adesão dos tucanos traria votos para a coligação de esquerda, os membros da coordenação política petista decidiram adiar o registro da chapa oposicionista, que estava marcado para hoje. Os partidos oposicionistas estão dispostos até a anular as convenções já realizadas. Mas as dificuldades para compor a nova coligação são muito grandes, como reconhecem.

Os tucanos estão dispostos a apoiar Cristovam Buarque desde que levem a vice-governadoria, uma das duas vagas ao Senado Federal, cinco vagas à Câmara Distrital e duas à Câmara dos Deputados. A adesão aos petistas, no entanto, esbarra exatamente nessas postulações do PSDB. Dirigentes da coligação de esquerda lembram que a maior parte dos candidatos já estão em campanha, comprometidos com seus militantes e simpatizantes, e dificilmente vão abrir mão de suas pretensões eleitorais.

Os partidos menores que compõem com o PT transferem a responsabilidade da negociação com os tucanos para o núcleo petista que domina a aliança. Eles dizem que somente o partido poderia abrir mão das vagas, o que consideram improvável. "Não sei como vai ser possível os partidos da Frente

Brasília Popular abrirem mão de seus candidatos", admite o deputado distrital Agnelo Queiroz (PCdoB).

Também o deputado Carlos Alberto Torres adverte que o PPS não vai abrir mão de nenhuma vaga que ocupa na coligação. E complica mais o quadro, ao condicionar o ingresso dos tucanos ao apoio à candidatura presidencial de Luís Inácio Lula da Silva. "É impossível manter duas candidaturas à Presidência da República em um mesmo palanque", reclama o parlamentar, contrariando a tese defendida anteriormente de aliança com o PSDB, mesmo que Fernando Henrique saísse candidato.

"A frente demorou muito a ser construída, teve todas as suas arestas aparadas ao longo das conversas entre os partidos, e o PSDB sempre se mostrou reticente", recorda Agnelo Queiroz.